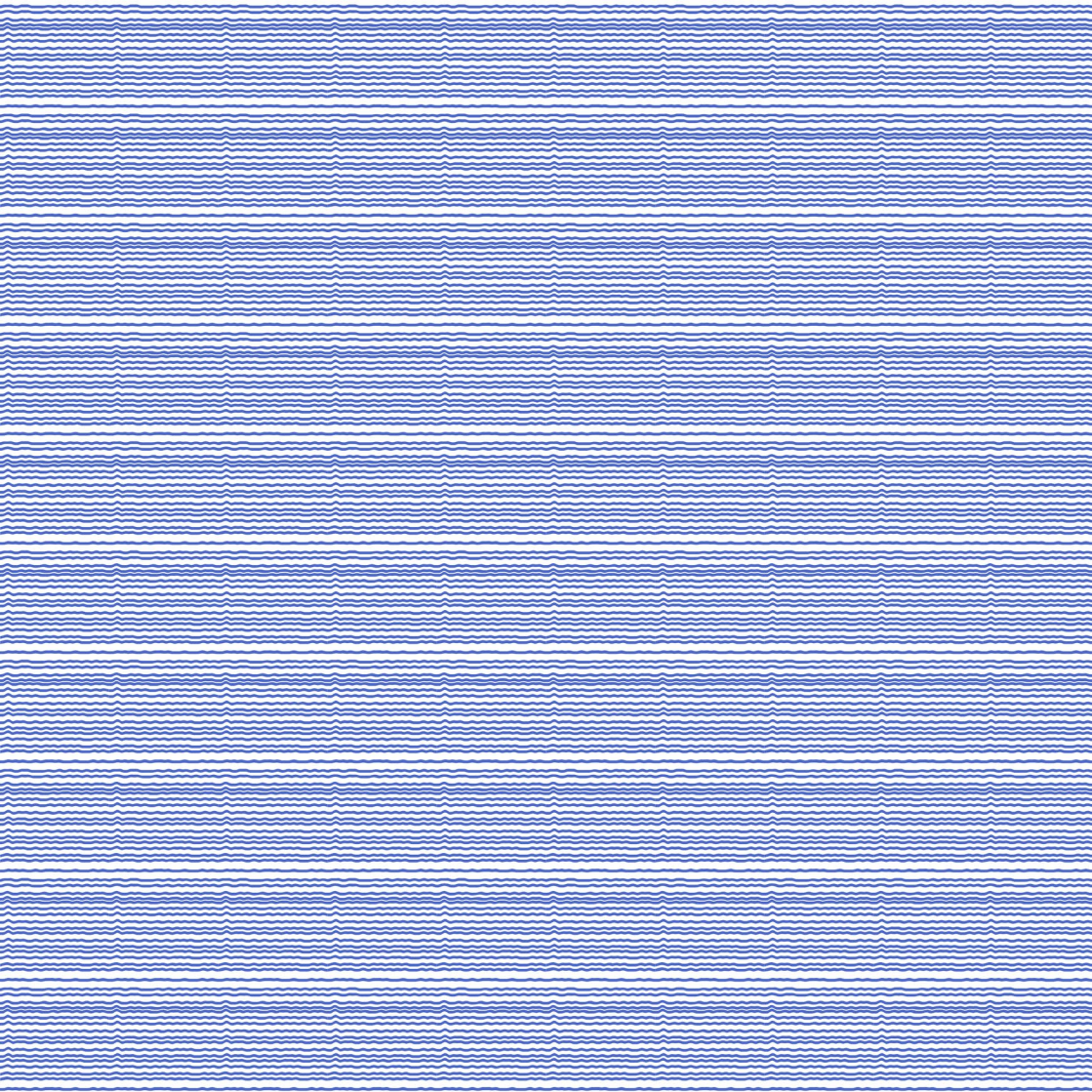
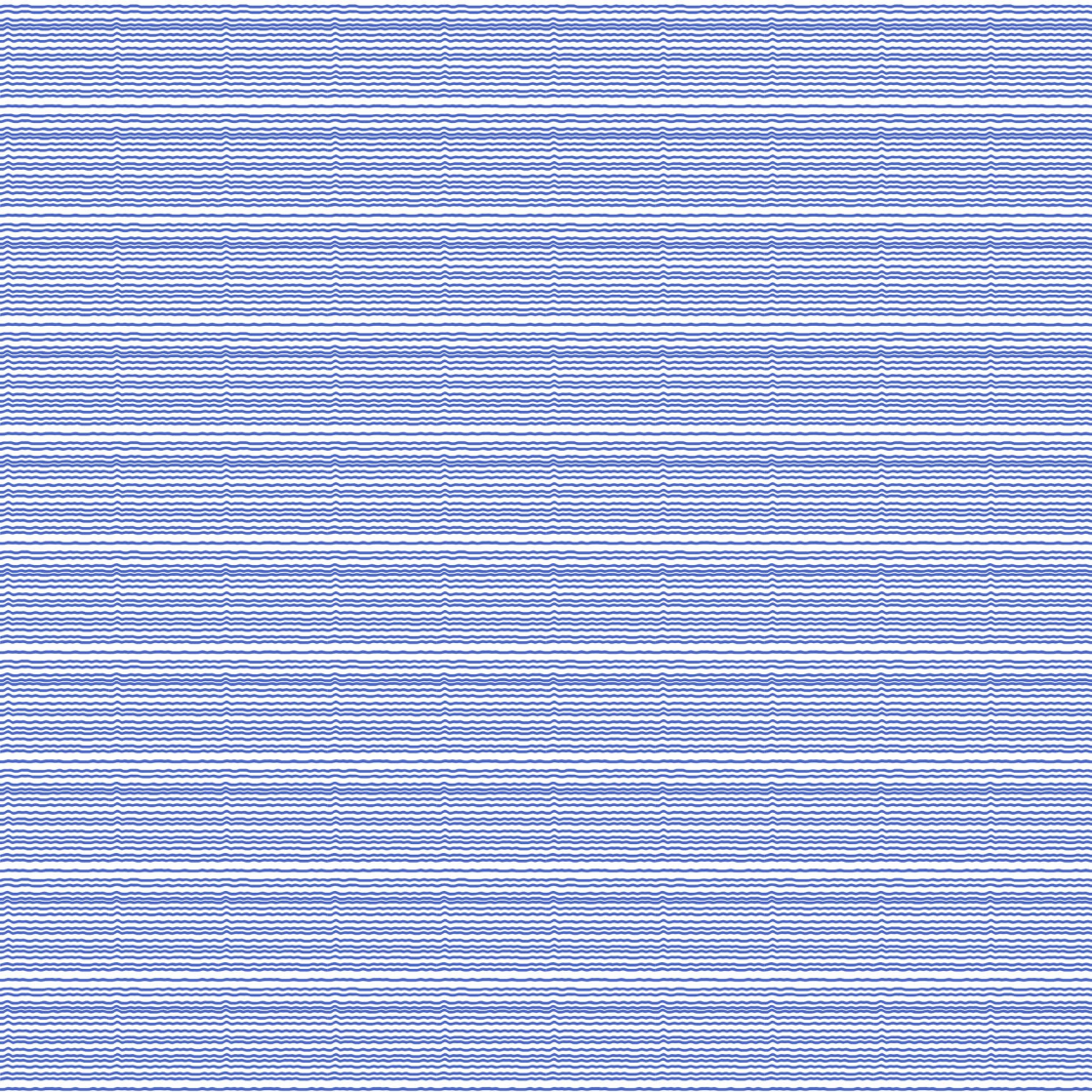






mentirinhas das águas

raissa studart

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Doutor Geraldo Orthof.



UnB | Brasília | 2018

dedicado à sandra, pelo
sal que me constitui, e à
ra, pelo infalível porto
seguro.

agradecimentos

agradeço ao meu orientador Gê Orthof pelo carinho, pelas trocas valiosas e incentivo de ir além. à minha mãe por topar minhas aventuras e ao meu pai pelos contínuos ensinamentos através do tempo. ao Igor, à Taty e ao Yuri por toda a comida, distração e suporte. à Maria pela eterna generosidade. à Aline, Cecília, Danna, Natália, Vitória e Yná por me ensinarem a ser e por andarem junto de mim com imenso amor. à Ra por todas as cócegas. aos tantos outros que cruzei nesse percurso.

*O que pode uma flor tão frágil
contra o mar profundo?
Mas nunca o vermelho me pareceu
tão belo.*

Quadrívio
Elizabeth Hazin

lista de imagens

figura 1. página 25. disponível em: <<https://youtu.be/S9Fw9OnmdTM>>

figura 2. página 27. disponível em: <<https://vimeo.com/8998403>>

figura 3. página 28. disponível em: <<https://vimeo.com/67051609>>

figura 4. página 38. disponível em: <<https://youtu.be/ONWpp40o2tk>>

figura 7. página 45. disponível em: <<https://youtu.be/ZedESyQEnMA>>

figura 9. página 52. disponível em: <<https://youtu.be/8Cw6kqHxj8Q>>

lista de imagens

figura 1. página 25. Danna Lua Irigaray, *Dilúvio I e II*, vídeo, 2016.

figura 2. página 27. Karina Dias, *Le Petit Pont*, vídeo, 2004.

figura 3. página 28. Roni Horn, *Saying Water*, vídeo, 2012.

figura 4. página 38. Raissa Studart, *Anoitecer*, vídeo performance, 2018.

figura 5. página 41. Levi Orthof, *Beira-ar*, vídeo instalação, 2017.

figura 6. página 43. Raissa Studart, *A cidade que pertence ao rio*, fotografia, 2018.

figura 7. página 45. Francis Alys, *Sometimes making something leads to nothing*, vídeo performance, 1997.

figura 8. página 46. Alina Duchrow, *Água Viva*, vídeo instalação, 2013.

figura 9. página 52. Klara Hobza, *Part 3 Europoort*, vídeo, 2013.

figura 10. página 53. Bas Jan Ader, *In Search of the Miraculous (One Night in Los Angeles)*, fotografia, 1973.

figura 11. página 55. Raissa Studart, *Desastre*, objeto, 2017.

figura 12. página 56. Raissa Studart, *Pescas*, objeto, 2017.

figura 13. página 57. Raissa Studart, *Das frágeis estruturas*, objeto, 2018.

sumário

introdução~~~~~15

umidades~~~~~21

densidades~~~~~33

submarinos~~~~~49

insistências~~~~~61

referências~~~~~67

introdução

em tempestades, é difícil ter coragem para mergulhar na água. é preciso silêncio para notar as sutilezas, as temperaturas da água, suas armadilhas. é preciso confiança para poder fechar os olhos e estar à mercê das ondas. e aconteceu do tempo virar, vendaval à vista. onde resistir sem abandonar o mundo?

eu penso que no amor às origens. dentro do rio eu não estou em um só lugar e às vezes estou em tempos diferentes também. quando namoro o lago na paisagem através da janela, mapeio dentro de mim a vila naufragada que ele abriga. quando luto contra as ondas, sei que é uma batalha perdida. tudo isso me compõe, assim como os banhos, as chuvas, as goteiras e infiltrações. rego a história passada com carinho para saber como ir em frente. venho da água e sei disso desde que comecei a andar. também sei que amo as coisas e quero fazer casa para elas. sei que as pessoas que falam como água deixam escapar memórias inundadas e sei que conhecer a água faz parte de um ciclo. aqui, redescubro tudo isso pelas margens.

esse texto é fruto de uma pesquisa sobre água, um recorte que se divide em quatro capítulos: umidades, densidades, submarinos e insistência. nenhum deles tem o intuito de ser âncora, de ser só

por ter sido escrito. a água abundante permite que se faça todo e qualquer tipo de navegação por ela.

umidades é sobre imergir na linguagem, a palavra lida e escrita na exploração dessa matéria.

densidades é sobre o elemento e todo pensamento que construí nessa investigação até dado momento, todas as diferentes e mesmas águas que encontro.

submarinos são as coisas que vivem dentro d'água, sempre encharcadas mesmo fora dela, onde trabalho.

insistências é o que me resta, os desejos e provocações que não couberam.

umidades

*porque não há história
escrita no dorso das águas
é que se faz repente
nas beiras dos barrancos
canção de viajar*

A Lenta Morte
Otávio Afonso

meu olhar procura sempre afundar na folha de papel, na espera de ali achar um tesouro.

escrever na seca é minar água, a primeira linha escrita no papel sem pauta forma um rio, as próximas o alimentam e “a leitura desce até o final da página e encontra uma última linha submersa”¹. eu comprei um livro sobre água usado, marcas secas de líquido derramado formam uma outra escritura nas páginas, um horizonte particular e ao mesmo tempo familiar.

cada encontro com a água, seu vocabulário em mim aumenta, seus efeitos e intensidades, suas qualidades. um vocabulário que em mim é livre, pois sei que a linguagem não é capaz de abarcar o mar, de ancorar o mar em uma folha de papel. tem águas que dançam com a linguagem e águas que se desviam da linguagem. quando adiciono água à linguagem, reconheço água onde não tem. quero água onde não tem. desejo de abundância, de inundação.

quanto mais penso sobre a água, construo novos fluxos no fundo do rio. inscrições minerais que ficam mesmo quando a água se ausenta. às vezes, a água é muito repetitiva, me sinto repetir

¹ PAIVA, Luciana. *Sobre a espessura do texto, uma leitura cadente*. Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB, v.14, n. 2, p.143-154, 2015. p.153.

também, ouvindo de novo e de novo sua mesma história que se inscreve no meu corpo a ponto de perfurá-lo. escrevo e sou escrita também.

as ondas não permitem que você desvie o olhar, nem estrelas cadentes. o mar, que silencia a linguagem com toda sua imensidão majoritariamente desconhecida, me cala diante dele, permitindo-me apenas o olhar e toque.

a água pode ser violenta quando alaga, quando chove, quando vem enxurrada e tempestade. eu bebo água em garrafas de vidro e meio a um abraço ela se estilhaçou no chão, os minúsculos cacos de vidro boiando em poças d'água espalhadas pelo espaço. água e vidro, indissociáveis.

o meu modo de assimilar sempre foi esperar a sedimentação da terra no fundo da água, à espera da transparência da água após rebuliço. existe uma satisfação em me adaptar à temperatura e sensação da escrita. aos poucos presto mais atenção aos arredores e a paisagem passa a me chamar. quero ir mais longe, quero descer rios de escrita até chegar no mar, chegar num encontro de confusão e dissolução.



figura 1

para escrever sobre a água, eu não posso estar em um lugar só. é uma constante tentativa de captar algo que está sempre logo ali, sempre quase aqui. é por isso que continuo mergulhando. deslizo por todos os contornos escorregadios. na água sou estrangeira e de passagem, assim como na escrita.

o mundo é duplicado na superfície da água e na superfície da escrita ele é mudo.

Real é tudo que está aí, incluídas nossas ilusões e interpretações sobre ele. Conhecê-lo implica adentrar o espaço aquoso, flutuante e primordial de um oceano desmedido, como renúncia a toda imobilidade, recusa de todo dado, negação de toda fixidez. Assim o conhecido e o desconhecido tornam-se uma questão de movimento, de olhar para cima ou para baixo, portanto de manter-se entre a superfície e a profundidade.²

2 BECCARI, Marcos. *Ilhas Oceânicas - Ensaio sobre a imprecisão das fronteiras*. Arte & Ensaio, revista do ppgav/eba/ufrj, n. 34, p.187-195, 2017. p. 188.



figura 2

uma das correntezas que identifiquei em alguns mergulhos foi a capacidade da água de fazer desaparecer. reconheço os hábitos de levar embora da água, de consumir e abrigar um mundo. mesmo na água as coisas morrem, mas não são enterradas no chão oceânico. o tempo na superfície parece sufocante de fluxos e movimentos incessantes, mas nas profundezas o tempo parece querer ficar ali quietinho mais um pouco antes de continuar seu vir a ser. o naufrágio para no tempo para ser passado.



figura 3

o monólogo “saying water” apresentado por Roni Horn, ouço de novo e de novo, suas palavras ecoando na minha cabeça, “os rios realmente terminam? você sabe, eles apenas continuam com outro nome”³ (tradução minha). nesse momento, os rio em mim misturaram-se todos num impossível mar sem o domínio dos nomes, que os distanciam.

organizando meu quarto para trabalhar livremente no espaço, deparo-me com uma pilha de manuscritos do meu pai, que assina suas poesias como Otávio Afonso. por muito caminhei com um deles, A Fenda no Chão, e só dele sabia do que se trata - e dele meu interesse no chão que piso. foi folheando um diferente e ao acaso, chamado A Lenta Morte, que o rio Madeira inundou meu quarto inteiro, junto de pedras, cidades e químicas.

em terra firme, um tesouro resgatado. escrito em seus últimos anos de vida, memórias minhas se misturam com as memórias que ele descreve, o rio que cresceu com ele e o qual se despede ali, Madeira. o papel é amarelado, os grampos que prendem as páginas completamente enferrujados, o cheiro é do seu paletó.

3 HORN, Roni. *Saying water*, 2012. Disponível em <<https://vimeo.com/67051609>>. “The rivers ever really end? You know, they just keep going keep going with another name”.

saber das águas em minhas origens é exceder minha própria história, afluentes de outros séculos, e por instantes eu também sei:

*o rio comanda
e não duvida jamais
jamais se esquivava
de correr (morrendo)
para os braços do mar*

*seu destino é se diluir no sal
sendo doce*

*ou se dar por inteiro
à outra face de si próprio⁴*

no trabalho de escrever sobre água, atuo em conjunto das águas em mim, das águas que me deram origem. é no tempo delas de me atravessar que a escrita acontece. e na escrita, tenho também Ponge para me guiar junto dos rios, em direção ao mar: “Onde procuramos, encontramos. Trata-se da armadilha do sonho e do sono, tanto quanto da do sangue frio e da vigília”.⁵

4 AFONSO, Otavio. *A Lenta Morte*. Brasília, DF: Acervo Pessoal. 2007. p. 34.

5 PONGE, Francis. *Métodos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1997. p. 46.

densidades

Meu prazer é ainda acompanhar o riacho, caminhar ao longo das margens, no sentido certo, no sentido da água que corre, da água que leva a vida alhures, à povoação vizinha. Meu 'alhures' não vai mais longe.

A Água e os Sonhos
Gaston Bachelard

eu amo as coisas e algumas delas podem viver debaixo d'água. quando desejo a água, desejo seu corpo. suas desmesuras, tesouros e suas correntezas. seus mistérios de levar as coisas embora e as trazer (às vezes de volta). quando eu encontro a água, quero que ela me perceba, que me toque. desejo as demandas da água e os lugares que ela me leva.

eu preciso estar em sua presença e em silêncio. assim como o prazer da caminhada, "é sempre um sentir, e sempre provocado por um encontro, por aquilo que vem confirmar, a partir de fora, possibilidades inscritas no nosso corpo"⁶. tem uma gravidade que atrai de maneira que passo a afundar mesmo fora d'água.

estou intrigada e me coloco na posição de exploradora aquática, de estar imersa no silêncio da água, de perder as memórias de medida, de sentir seu peso, sua temperatura. o exercício de um habitar geopoético. muito acontece com olhar atento à água e não é preciso ir longe. não sei o que pretendo encontrar, apenas desejo ser atravessada por essa matéria.

⁶ GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010. p. 142.

começo ao meu redor, diversas maneiras de acessar água: visito as águas ferrosas do córrego, águas escorregadias da chácara, a caixa d'água acima das piritas, filtros, banhos, pias, os umidificadores, os regadores, mangueiras, as garrafas d'água, a água do cano, o lago que inundou uma vila inteira. o meu corpo. as lembranças do mar. constantemente mais possibilidades de encontro surgem e as impressões aumentam.

quando eu olho o mar eu vejo também todos os outros mares que ficaram impressos na minha memória simultaneamente, mas quando eu entro no mar eu só sei desse mar, é só ele que desconheço e que me envolve, que me puxa e que me leva. estabelecer um diálogo sobre a água é conversar com a água em mim. o que eu poderia dizer ao mar que ele já não saiba, pela água em mim?

o mais perto que estive do encontro do rio com o mar foi 30km, sobre dunas. existem dunas móveis e dunas enraizadas. meu pai nasceu em águas continentais, minha mãe em águas oceânicas, no meu corpo eles se encontram, se misturam e se confundem também. pela água em mim, reconheço-a em lugares outros, coisas outras. os mares tem marés por suas imensidões, mas a lua e o sol afeta a terra em sua totalidade de forma que os banhos de banhei-

ra também possuem ondas, marés microscópicas⁷. mesmo que apenas uma tecnicidade imperceptível, aplicar uma característica oceânica ao meu copo d'água faz com que bebê-lo seja uma maneira de abrigar danças aquáticas das jubartes dentro de mim.

em minha última visita ao mar, as ondas me lembraram de algo que esqueci, não o que esqueci, mas que esqueci. existe, desde então, uma ausência presente em mim do mar, de querer pertencer ao mar. eu enterrei, na mesma viagem, minhas mão no chão do mar, na praia. pesquei areia, um gravetinho e uma concha.

ao pisar em águas fundas, tento identificar o que é que estou pisando, o que é chão e o que é outra coisa ali. ao caminhar lentamente dentro d'água, estou mapeando esses espaços do fundo, fazendo sentido com a paisagem da superfície. onde fica cada montanha de terra, onde começam as pedras, coisas que não sei como chamar roçando nos pés. se mergulho no mar, me sinto distante dos astros e é algo que só essas águas conseguem. meu corpo tem gosto de sal.

7 PBS Space Time. *What Physics Teachers Get Wrong About Tides*. 2015. (15m20s). Disponível em: <<https://youtu.be/pwChk4S99i4>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

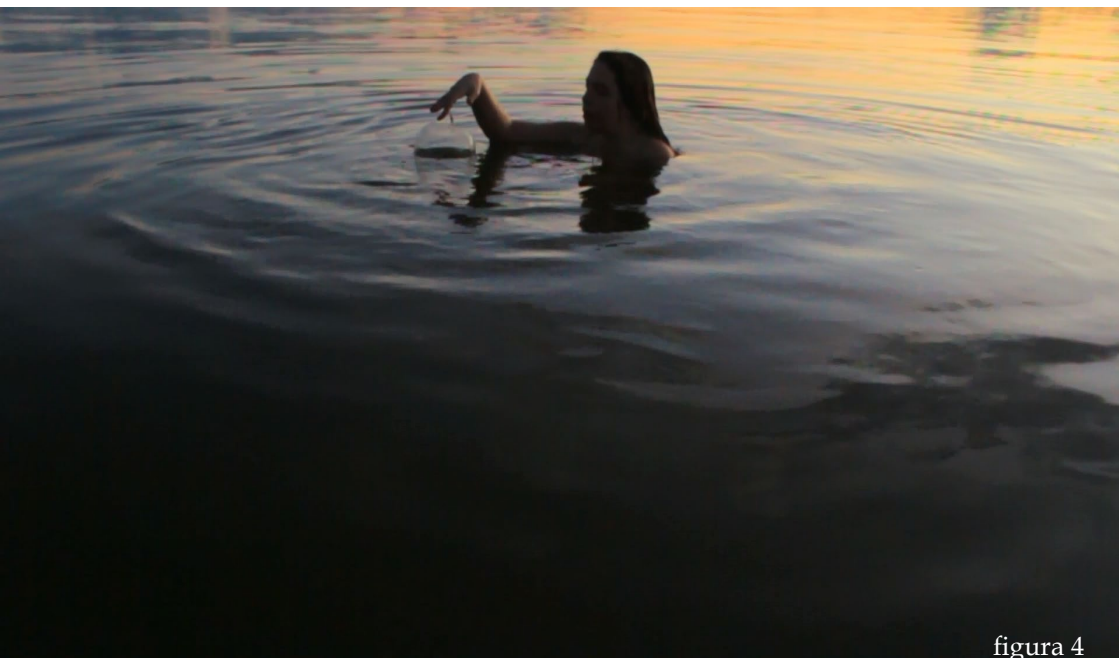


figura 4

o lago Paranoá excede a visão que tenho da janela do quarto, atravessa de ponta a ponta. ele brilha no sol, denuncia os ventos e ancora a lua em sua superfície sempre que cheia. vejo lanchas e canoas atravessá-lo ao longo do dia. mês passado sonhei que o lago entrava no meu apartamento, naturalmente, todo fim de tarde. o nível da água subia tanto que ao olhar para fora, era mar. era mar em toda a extensão da paisagem, era mar nos meus pés, nos móveis da casa, em todos os cinco andares abaixo do meu. um cachorro que não era meu brincava com um peixe agitado que se debatia entre a tv e o sofá. o lago virou mar e eu passei um chá para esperar a maré abaixar.

existe muito encantamento de imagens e ainda mais de materiais.

eu quero muito da água. eu quero sentir ela mesmo quando não está lá, quero segurar em minhas mãos enquanto escorre pelos meus dedos. eu quero que ela me ouça em silêncio, que me ensine a silenciar a linguagem também. quero ser levada pelo seu murmurinho, pelos desvios da correnteza.

recolhi nas praias de fortaleza pedras e madrepérolas. foram dois dias de coleta até encontrar meu primeiro pedacinho de tijolo na praia. os cacos de tijolo não era de todo reconhecível por ter sido

esculpido pelo água do mar. os tijolinhos marinhos. ali fiz casa no momento de encontro, pude construir.

me encantei com Andy Goldsworthy em sua fala “o que acontece abaixo da superfície afeta a superfície”⁸ (tradução minha) e desde então quero cavar o chão que piso, que ampara minha janela e todas as outras paisagens fora dela. a superfície da água sempre me convida ao mergulho, às vezes ao próprio naufrágio. essa superfície pode ser espelho e pode ser dança, pode ser onda e pode ser abismo.

ondas me engolem, se não resisto. elas me chacoalham e emba-
ralham tudo dentro, perco o chão. ondas e ventos cortam a pele,
mas só as ondas dão cambalhotas comigo. as ondas correm atrás
de mim e fogem de mim, eu corro atrás delas e fujo delas. eu mer-
gulho dentro das ondas e eu me entrego às ondas, elas mergulham
dentro de mim, elas se entregam à mim. o vai e vem do mar. e o
mar não aceita ser ignorado.

8 DONOP, Annedore von, RIEDELSHEIMER, Thomas (Produtores), & RIEDELSHEIMER, Thomas (Diretor). (2003). *Rivers and Tides: Andy Goldsworthy Working with Time* [documentário]. Alemanha, Finlândia e Reino Unido: Skyline Productions Ltd. “What lies bellow the surface affects the surface”



figura 5

no córrego Capoeira do Bálsamo, o pequeníssimo recorte o qual frequento, faço casa para morar e trabalhar. a chuva o alimenta e dá força para tornar as águas opacas de barro e ferro por dias, de aumentar o volume inclusive do seu som. mesmo sem ver o fundo do rio, sei me movimentar ali - o sentido da correnteza me guia. a chuva traz novos elementos e leva outros, uma nova composição se forma e prende meu olhar. o fluxo incessante hipnotiza, me leva junto da correnteza e me atravessa com águas passadas ao mesmo tempo. é um rio de canto incansável e honesto. é um rio de cores quentes e águas frias. é um rio de águas utópicas, onde reconstruo cidades que assim como a vila Amaury, estão erguidas debaixo d'água. a água parece ter uma indecifrável história em sua transparência, em seu correr sobre pedras, barros e tesouros.

uma nova goteira surgiu hoje, dessa vez no quarto. ao deitar, pude ouvir além da tempestade fora, o barulho da pequeníssima cachoeira de ritmos lentos, uma umidade leve, a formar mapas hidrográficos no chão. “uma poça contém um universo”⁹. eu diria com toda certeza que já vi o desenho do rio Madeira na água da chuva que escorre em minha janela. passando pela estrada de terra, um grande lago lamacento se formava com a chuva contínua e

9 BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. p. 53.

no meio dele, um pedaço de madeira flutuava e tremia. um oásis precário num mar vermelho.

quando seco as mãos nas roupas que visto, como imagens de bora de café, faço das manchas efêmeras meu oráculo. a água da pia vai em redemoinho até o ralo e de lá não mais a vejo, mas não consigo parar de pensar nela e nos longos canos que vai a percorrer.



figura 6

na água me deparo com algo estranho-familiar, ambíguo, potente - e tem lugares aí que me interessa ocupar. a inutilidade de empurrar um bloco de gelo pelas ruas do México como Francis Alys, as repetidas tentativas de Levi Orthof de enlaçar o mar, a afirmação da ubiquidade marítima que Alina Duchrow faz. a minha busca de tesouros marítimos em meio a seca do cerrado.

No entanto, como muitos descobriram, uma vez dentro da espiral patafísica, pode ser impossível sair novamente, e cedo ou tarde o indivíduo será sugado pelo vórtice patafísico para as profundezas, como aranhas ralo abaixo. A Patafísica tem os meios de levar você a lugares que você não reconhece.¹⁰

10 HUGILL, Andrew. *Pataphysics: a useless guide*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2012. "However, as many have found, once having entered the pataphysical spiral, it can be impossible to get out again, and sooner or later one will be sucked down the pataphysical vortex into the depths like spiders down plugholes. Pataphysics has a way of carrying you along to places you do not recognize." p. 25.



figura 7



figura 8

submarinos

"(...) So we said goodbye to our Atlantis friends. Neptune gave us the treasure that had brought us there in the first place. But, this was the kind of treasure that we liked. It was full of historical documents and beautiful little things - mementos of people's lives. Old watches. The Heart of the Ocean. An old book. Sentimental treasures."

Anatomy of Being
Shinji Moon

continuo afundando, fora de mim.

existe uma união silenciosa e insuperável entre a água e o que foi resgatado de um naufrágio. eu ganhei um antigo cartão postal do farol de santa maria, em cascais, portugal. uma semana depois, um naufrágio de quatro séculos passados foi encontrado naquela costa. no dia do meu aniversário, quinze anos antes, lixos extraterrestres naufragaram no oceano índico. são esses alguns dos tesouros submarinos que me atraem. e também as coisas que se afogam em correntezas urbanas, situadas no chão. os antigos objetos escondidos da memória, deixados de lado em fundos de gavetas e bolsas. tesouros que cabem nas mãos.

muito acontece em caminhadas. sempre escolhi olhar para o chão ao andar, muito atenta à todas as rachaduras, texturas e desníveis possíveis no espaço. assim como dentro do lago e de córregos que frequente, preciso fazer sentido do que está na altura dos pés e o que está na altura dos olhos. existem conexões de pensamentos que só ocorrem em movimento, imersa no fluxo urbano, em trânsitos afluentes e confluentes. em algum momento ao longo da pesquisa, a caminhada deixou de servir apenas para chegar no ponto de chegada o mais rapidamente possível. caminhar agora é ocupar espaço, o tanto que meus pés conseguem, é estar disponível aos



figura 9

arredores, ser testemunha de tudo que nunca para (o tempo na caminhada continua muito precioso, mas de maneira inversa). é ser inundada por tudo que vejo a cada passo. construir novos caminhos, tomar banho de chuva.

Caminhar não é elevar-se, não é enganar a gravidade, não é iludir-se pela velocidade ou a elevação acerca de sua condição mortal, é, na verdade, preenchê-la por essa exposição à solidez do solo, à fragilidade do corpo, a esse movimento lento de afundamento.¹¹

¹¹ GROS, Frédéric, op. cit., p. 186.

atenção ao chão. olhar incessante como escavação. como mergulho.

se procuro a água eu a encontro e tudo umedece, neblina densa. enquanto ando, estou atuando em ambos espaços, terrestres e aquáticos. minha ação pode ter diferentes nomes e potências de acordo. me propondo a atuar no campo seco e molhado simultaneamente, como afundar nos dois lugares ao mesmo tempo?



figura 10

passo a pescar objetos durante as caminhadas. eles têm dimensão de bolso, guardo em mãos pequenos naufrágios. se meus olhos estão inundados, facilmente os identifico no percurso - são pequenas coisas enferrujadas, quebradas, deslocadas, fragmentadas, brilhantes, turvas, curiosas, que carregam algum tipo de mistério. os pequenos objetos têm a capacidade de abrigar um cosmos inteiro num mínimo irreduzível. me interessa a proposta de Keri Smith, “colete objetos pela sua potencial qualidade mágica”¹². o que encontro são tesouros e lixos, objetos que quase matam a sede. objetos que em qualquer espaço, apontará para outro ausente.

vou acumulando e aglomerando todos entre si, junto de outros velhos objetos ganhos ou quebrados, uma mistura de: pescas urbanas, heranças misteriosas, diversões durante ações outras, pequenos furtos, água.

construo situações com as coisas que carregam em si algum abismo. imersão em estruturas aquáticas. o trabalho contém materiais de origens distintas entre si, de modo que as águas também se misturam e se confundem. fluviais e salgadas. noturnas e trans-

12 SMITH, Keri. *How to be an explorer of the world: portable life museum*. 1ª ed. New York, NY: The Penguin Group, 2008. “Collect objects for their potential magic quality” p. 93.



figura 11

parentes. encharcadas e lentas. transito entre elas nadando como pedras desgovernadas.

estar à mercê das ondas, entregue à imensidão oceânica, com apenas oráculos e constelações inventadas, esse é o método.



figura 12



figura 13

as várias maneiras de reconhecer a água apresentadas nesta escrita são norte para as relações estabelecidas entre o espaço expositivo, os naufrágios, as experiências e os escritos realizados no processo. são estes os materiais que compõe a instalação *cruzeiros submarinos*, a ser apresentada na exposição de diplomação do curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília.

*o rio náufrago fantasma
completa os ciclos das águas*

A Lenta Morte
Otávio Afonso

existem ainda muitas águas inquietas remanescentes em mim, lugares muito turvos para serem desbravados em meio a tempestade. a água sugere imagens assim como a escrita e agora estou em busca delas no mundo. “Imagens tão grandiosas marcam para sempre o inconsciente que as ama”¹³, existem muitas outras águas e infinitas faces. tem muito ainda para explorar: a chuva, o gelo, os icebergs e seus rastros em marte. a água do banho. a solidão de navegar só, as maneiras de fazer meu próprio barco. o que desconhece a secura. as características dos vidros e das pedras que vivem submersas. a água que quase me escapa, sem ao menos sair do lugar. as histórias de pescador, navegações inventadas, ondas imitadas, rios enxugados, os jeitos de mudar o rumo ou perder a rota em direção ao desconhecido. as macias garoas, linhas sinuosas nas ventanias, escoamento de lágrimas. copos que transbordam no filtro de barro. molhar a nuca na seca.

o que foi apresentado nesse texto reside em mim num ciclo aquático interno, pronto para virar chuva e umedecer terras estrangeiras. a água é promessa de futuro, poço de desejos.

13 BACHELARD, Gaston. op.cit., p.15.

a água é tudo isso escrito mas também não é nada disso: sempre
correndo, nascendo continuamente, ordinário inédito.

referências

AFONSO, Otavio. *A Lenta Morte*. Brasília, DF: Acervo Pessoal. 2007.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BECCARI, Marcos. *Ilhas Oceânicas - Ensaio sobre a imprecisão das fronteiras*. Arte & Ensaios, revista do ppgav/eba/ufrj, n. 34, p. 187-195, 2017.

DONOP, Annedore von, RIEDELSHEIMER, Thomas (Produtores), & RIEDELSHEIMER, Thomas (Diretor). (2003). *Rivers and Tides: Andy Goldsworthy Working with Time* [documentário]. Alemanha, Finlândia e Reino Unido: Skyline Productions Ltd.

GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2010.

HORN, Roni. *Saying Water*. 2012. Recorded at the Two days art-festival at the Louisiana Museum of Modern Art (39m11s). Disponível em: <<https://vimeo.com/67051609>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

HUGILL, Andrew. *'Pataphysics: a useless guide*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2012.

PAIVA, Luciana. *Sobre a espessura do texto, uma leitura cadente*. Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB, v.14, n. 2, p.143-154, 2015.

PBS Space Time. *What Physics Teachers Get Wrong About Tides*. 2015. (15m20s). Disponível em: <<https://youtu.be/pwChk-4S99i4>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PONGE, Francis. *Métodos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1997.

SMITH, Keri. *How to be an explorer of the world: portable life museum*. 1^a. ed. New York, NY: The Penguin Group, 2008.



